

"Que é a verdade?"

H. P. Blavatsky

[*Lucifer*, Vol. I, nº 6, fevereiro, 1888, pp. 425-433]

"*Verdade* é a Voz da Natureza e do tempo—

Verdade é o monitor (motor??) de ignição *dentro de nós*—

Nada existe sem ela, ela vem das estrelas,

Do sol dourado, e de toda a brisa que sopra..."

— WILLIAM THOMPSON BACON¹.....

“..... Sol imortal da Verdade Justa

Às vezes está escondido em nuvens; não que sua luz

Seja em si mesma defeituosa, mas obscurecida

Por minha Fé fraca, preconceituosa e imperfeita

E todas as mil causas que obstruem

O crescimento da bondade”.

Hannah More²

"Que é a Verdade?", perguntou Pilatos a alguém que, caso as alegações da Igreja Cristã sejam mesmo que aproximadamente corretas, deve saber. Mas Ele ficou em silêncio. E a verdade que Ele não divulgou, permaneceu não revelada, para seus últimos seguidores, bem como para o Governador Romano. O silêncio de Jesus, entretanto, nesta e em outras ocasiões, não impede seus presentes seguidores de agir como se tivessem recebido a própria Verdade última e absoluta; nem de ignorarem o fato de que foram oferecidas apenas as Palavras de Sabedoria que continham em si uma porção da verdade, escondida por sua vez em parábolas e ditos belos e herméticos.³

Esta política levou gradualmente ao dogmatismo e à asserção. Dogmatismo nas igrejas, dogmatismo na ciência, dogmatismo em todas as partes. As verdades possíveis, nebulosamente

percebidas no mundo da abstração, como as inferidas da observação e do experimento no mundo da matéria, são impostas sobre as multidões profanas, ocupadas demais para pensar por si mesmas, sob a forma de *revelação Divina* e *autoridade Científica*. Mas a mesma questão permanece aberta dos dias de Sócrates e Pilatos até nossa própria época de indiscriminada negação: haverá tal coisa com uma *verdade absoluta* nas mãos de um grupo ou homem? A razão responde que "não pode haver". Não há espaço para uma verdade absoluta sobre qualquer tema em um mundo tão finito e condicionado como o próprio homem. Mas há verdades relativas, e temos de tirar delas o melhor partido que pudermos.

Em todas as épocas houve Sábios que tinham maestria sobre o absoluto e, no entanto, podiam ensinar apenas verdades relativas. Pois ninguém ainda, nascido de uma mulher mortal em *nossa* raça, possuiu ou pôde oferecer toda e a final verdade para outro homem, pois cada um de nós deve encontrar este conhecimento final (para si) *em si*. Como duas mentes não podem ser absolutamente iguais, cada qual deve receber a iluminação suprema *através* de si, de acordo com suas capacidades e não proveniente de luz *humana*. O maior adepto vivo pode revelar da Verdade Universal apenas tanto quanto a mente que ele está impressionando pode assimilar, e não mais. *Tot homines, quot sententiae* (cada cabeça uma sentença) — é um truísmo imortal. O sol é único, mas seus raios são inúmeros; e os efeitos produzidos são benéficos ou malefícios de acordo com a natureza e constituição dos objetos sobre os quais sua luz incide. A polaridade é universal, mas o polarizador está em nossa consciência. Na medida em que nossa consciência é elevada para a verdade absoluta, nós homens a assimilamos mais ou menos absolutamente. Mas a consciência do homem, além disso, é apenas o girassol da terra. Desejando ardentemente um raio morno do sol, a planta pode apenas se virar para ele, e mover-se em círculo seguindo o curso da luminária inalcançável: suas raízes a mantêm fixa no chão, e metade de sua vida se passa na sombra. . . .

Mesmo assim cada um de nós pode alcançar relativamente o Sol da Verdade mesmo aqui nesta terra, e assimilar seus raios mais quentes e diretos, por mais diferenciados que possam ter se tornado após sua longa jornada pelas partículas físicas do espaço. Há dois métodos para alcançar isto: no plano físico podemos usar nosso polariscópio mental; e, analisando as propriedades de cada raio, escolher os mais puros. No plano da espiritualidade, para alcançar o Sol da Verdade

precisamos trabalhar com afinco no desenvolvimento de nossa natureza superior. Sabemos que ao paralisarmos gradualmente dentro de nós os apetites da personalidade inferior, tornando, assim menos intensa a voz da mente puramente fisiológica, mente esta que depende e é inseparável de seu meio ou veículo, o cérebro orgânico, o homem animal em nós pode abrir espaço para o espiritual; e uma vez despertados de seu estado latente, os sentidos e percepções espirituais mais elevados crescem em nós na mesma proporção e se desenvolvem *pari passu* com o "homem divino". É isto o que os grandes adeptos, os iogues do Oriente e místicos do Ocidente sempre fizeram e ainda fazem.

Mas também sabemos que, salvo poucas exceções, homem algum do mundo, nenhum materialista, jamais acreditará na existência de tais adeptos, ou mesmo na possibilidade de um desenvolvimento espiritual ou psíquico tão elevado. "O tolo (antigo) dizia para si mesmo, Deus não existe"; o moderno diz "Não existem adeptos na terra, eles são apenas ficção de nossa fantasia doente". Sabendo disso nos apressamos em reafirmar para nossos leitores o tipo Tomás Dídimo. Rogamos que se voltem nesta revista para leituras mais adequadas a eles; por exemplo, aos artigos variados sobre o Hilo-idealismo de vários autores.⁴

Pois *Lúcifer* tenta satisfazer leitores de todas as "escolas de pensamento", e mostra-se igualmente imparcial com Teístas e Ateístas, Místicos e Agnósticos, Cristãos e Gentios. Artigos como nossos editoriais, os Comentários sobre *Luz no Caminho* etc. etc. não são destinados aos Materialistas. São endereçados aos Teosofistas, ou leitores que sabem no fundo do coração que Mestres da Sabedoria de fato *existem*: e embora a verdade *absoluta* não esteja na terra e deva ser buscada nas regiões superiores, que mesmo assim há, mesmo neste nosso globinho insignificante sempre a girar, algumas coisas que não são nem mesmo sonhadas na filosofia Ocidental.

Voltemos ao nosso tema. Segue-se então que, embora "a verdade geral *abstrata* seja a mais preciosa de todas as bênçãos", para muitos de nós, como o foi para Rousseau, temos de nesse ínterim nos contentar com verdades relativas. O fato é que somos um pobre conjunto de mortais na melhor das hipóteses, sempre com medo diante até mesmo de uma verdade relativa, temendo que possa nos devorar e juntamente conosco nossos insignificantes preconceitinhos. Quanto a uma verdade absoluta, a maioria de nós é tão incapaz de vê-la quanto de chegar à lua de

bicicleta. Primeiro, porque a verdade absoluta é tão imutável quanto a montanha de Maomé, que se recusou a se dar ao incômodo pelo profeta, de sorte que ele mesmo teve de ir. E temos de seguir seu exemplo se quisermos nos aproximar dela até mesmo a uma certa distância. Segundo, porque o reino da verdade absoluta não é deste mundo, ao passo que somos demasiadamente dele. E terceiro, porque apesar de o homem ser na fantasia do poeta

".... o abstrato
De toda a perfeição, que a habilidade
Do céu modelou..."

Na realidade ele é um triste feixe de anomalias e paradoxos, uma bolsa de vento vazia, inflada com sua própria importância, com opiniões contraditórias e facilmente influenciadas. Ele é ao mesmo tempo uma criatura arrogante e fraca, que, embora em constante temor de alguma autoridade, terrestre ou celeste, ainda assim:

"... como macaco zangado,
Pratica truques tão fantásticos diante do Céu supremo
Que faz os anjos chorar".⁵

Ora, como a verdade é uma joia multifacetada, é impossível perceber todas as suas facetas de uma só vez; e como, além disso, dois homens, por mais ansiosos por discernir a verdade que estejam, não podem ver nem mesmo uma destas facetas da mesma forma, o que se pode fazer para ajudá-los a percebê-la? Como o homem físico, limitado e restrito de todos os lados pelas ilusões, não pode alcançar a verdade pela luz de suas percepções terrestres, dizemos: desenvolva em si o conhecimento *interno*. Desde os tempos em que o oráculo délfico disse ao inquiridor: "Homem conhece a ti mesmo", nenhuma verdade maior, nem mais importante, foi jamais ensinada. Sem tal percepção, o homem permanecerá sempre cego até mesmo a uma verdade relativa, que dirá a absoluta. O homem deve *conhecer a si mesmo*, isto é, adquirir as percepções *interiores* que jamais enganam, antes de poder dominar qualquer verdade absoluta. A verdade absoluta é o *símbolo da Eternidade*, e nenhuma mente finita pode jamais compreender o eterno, daí que nenhuma verdade em sua totalidade pode jamais ser absorvida por ela. Para alcançar o

estado durante o qual o homem a vê e sente, temos de paralisar os sentidos do homem externo de barro. Está é uma tarefa difícil, nos é dito, e a maioria das pessoas sem dúvida preferirá, por isso, se satisfazer com verdades relativas. Mas aproximar-se de verdades até mesmo terrestres requer, antes de tudo, *amor à verdade pela própria verdade*, pois de outro modo não haverá qualquer reconhecimento dela. E quem ama a verdade nesta época pela própria verdade? Quantos de nós estão preparados para buscar, aceitá-la e cumpri-la, no meio de uma sociedade em que qualquer coisa que poderá obter sucesso *precisa ser edificada sobre aparências, e não sobre a realidade, sobre a auto-asserção, e não sobre o valor intrínseco*? Temos plena consciência das dificuldades no caminho de se receber a verdade. A justa virgem celeste desce apenas sobre um (para ela) solo apropriado — o solo de uma mente imparcial, sem preconceitos, iluminada pela pura Consciência Espiritual; e ambos são realmente raros habitantes das terras civilizadas. Em nosso século do vapor e da eletricidade, quando o homem vive a uma velocidade maluca que mal lhe deixa tempo para reflexão, ele em geral se deixa levar, do berço ao túmulo, preso que está à cama procrustea do costume e da convenção. Ora, a convenção, pura e simples, é uma MENTIRA congênita, pois é em todos os casos uma *"simulação* de sentimentos de acordo com um padrão herdado" (definição de F. W. Robertson); e onde há qualquer simulação *não pode haver verdade alguma*. O quão profundo é o comentário de Byron quando diz que: "A verdade é uma gema encontrada em grande profundidade; quando na superfície deste mundo tudo é pesado *nas falsas balanças do costume*", é mais bem conhecido por aqueles que são forçados a viver na atmosfera sufocante deste convencionalismo social, e que, mesmo quando desejoso e ansioso para aprender, não ousa aceitar as verdades pelas quais anela, por medo do feroz Moloch chamado Sociedade.

Olhe em volta, leitor; estude os relatos dados por viajantes conhecidos, recorde-se das observações semelhantes de pensadores literários, os dados da ciência e da estatística. Faça uma imagem da sociedade moderna, da política moderna, da religião moderna e da vida moderna em geral diante dos olhos. Lembre-se dos hábitos e costumes de toda raça e nação culta sob o sol. Observe os atos e a atitude moral das pessoas nos centros civilizados da Europa, Estados Unidos e até mesmo no Extremo Oriente e nas colônias, em toda a parte onde o homem branco levou os "benefícios" da assim chamada civilização. E agora, tendo passado em revista tudo isso, pare e reflita, e depois indique, se puder, este *Eldorado* abençoado, este local excepcional no globo,

onde a VERDADE é a hóspede ilustre e a MENTIRA e a FALSIDADE as proscritas condenadas ao ostracismo. NÃO PODES. Nem ninguém mais pode, a menos que esteja preparado e determinado a adicionar seu bocadinho à massa de falsidades que reina suprema em cada departamento da vida nacional e social. "Verdade, verdade, mesmo que os céus me esmaguem por segui-la, não quero a falsidade, mesmo que toda uma celeste Lubberland⁶ fosse o preço da Apostasia!", gritou Carlyle. Nobres palavras. Mas quantos pensam e quantos ousariam falar como Carlyle em nosso século XIX? A esmagadora maioria não preferiria o "paraíso do faz-nada", o *pays de Cocagne*⁸ do impiedoso egoísmo? É esta maioria que recua apavorada diante do mais vago esboço de toda nova e impopular verdade, por mera covardia, com medo de que Mrs. Harris⁸ possa denunciá-la e Mrs. Grundy⁷ condená-la, converte-se à tortura de ser despedaçada por sua língua mortífera.

EGOÍSMO, primogênito da Ignorância e fruto do ensinamento que afirma que para cada recém-nascido é "criada" uma alma nova, *separada e distinta* da Alma do Universo — este Egoísmo é o muro intransponível entre o Eu *peçoal* e a Verdade. É a mãe prolífica de todos os vícios humanos, a *Mentira* que nasce da necessidade de simular, e a *Hipocrisia* do desejo de mascarar a *Mentira*. É o fungo que cresce e se fortalece com o tempo no coração de cada ser humano do qual devorou todos os melhores sentimentos. O egoísmo mata todo impulso nobre em nossa natureza e é a deidade única, que não teme a deslealdade nem a deserção de seus devotos. Daí, vemos ele reinar supremo no mundo e na assim chamada sociedade elegante. Como resultado, vivemos, nos movemos e levamos nossa existência nessa deusa das sombras, sob seu trinitário aspecto da Hipocrisia, Fraude e Falsidade, chamada RESPEITABILIDADE.

É isto Verdade e Fato ou calúnia? Volte-se para onde quer que seja e verá, do alto até a parte mais baixa da escada social, engano e hipocrisia em funcionamento para o bem do querido Eu, em todas as nações, bem como em todo indivíduo. Mas nações, por tácito acordo, decidiram que motivos egoístas na política devem ser chamados de "nobres aspirações nacionais, patriotismo", etc.; e o cidadão vê isso em seu círculo familiar como "virtude doméstica". Não obstante, o Egoísmo, seja quando ele desperta desejo por engrandecimento de território ou competição no comércio às expensas do semelhante, jamais pode ser considerado uma virtude. Vemos a ENGANANÇA persuasiva e a FORÇA BRUTA — os *Jaquim e Boaz* de todo Templo Internacional de

Salomão — chamados Diplomacia e os chamamos por seus verdadeiros nomes. Porque o diplomata se curva até o chão diante destes dois pilares da glória e da política nacional, e imprime seu simbolismo maçônico "na força [ardilosa] deve minha casa ser estabelecida" na prática diária; isto é, consegue por meio de enganação o que não pode obter pela força, devemos aplaudi-lo? A qualificação de um diplomata — "destreza ou perícia em garantir vantagens" para seu país às expensas de outros países, dificilmente pode ser alcançada falando-se a verdade, mas certamente com uma língua astuta e enganadora; e, portanto, *Lúcifer* qualifica esta ação de uma MENTIRA *evidente* e deslavada.

Mas não é só na política que o costume e o egoísmo concordaram em chamar a enganação e a mentira de virtude, e a recompensar com estátuas públicas aquele que mente melhor. Toda classe de Sociedade se alimenta de MENTIRAS e se esfacelaria sem ela. A aristocracia, culta e temente a Deus e à Lei, que aprecia tanto o fruto proibido quanto qualquer plebeu, é forçada a mentir da manhã à noite para encobrir o que gosta de chamar de seus "pequenos pecadinhos", mas que a VERDADE considera crassa imoralidade. A sociedade da classe média é corroída por falsos sorrisos, falsos discursos e mútua traição. Para a maioria a religião se tornou um fino véu barato, jogado sobre o cadáver da fé espiritual. O amo vai à igreja para enganar seus servos; os curas famintos — que pregam aquilo em que já não acreditam — logram seus bispos; o bispo a seu Deus. *Diários*, políticos e sociais, podem adotar com vantagem para seu lema a imortal indagação de George Dandin²: "*Lequel de nous deux trompe-t-on ici?*" (A qual de nós dois estamos enganando aqui?) — até mesmo a Ciência, que era a tábua de salvação da Verdade, cessou de ser o templo do Fato *nu e cru*. Praticamente como um homem comum, os Cientistas lutam hoje apenas para forçar sobre seus colegas e o público a aceitação de algum *hobby* pessoal, de alguma nova teoria, que lançará brilho e fama sobre seu nome. Um Cientista está tão pronto a suprimir provas prejudiciais contra uma hipótese científica corrente em nossa época, quanto um missionário em terras pagãs ou um pregador em casa a persuadir sua congregação de que a geologia moderna é uma mentira, e a evolução apenas vaidade e vexação do espírito.

Este é o estado das coisas em 1888 d.C., porém, somos repreendidas por certos jornais por vermos este ano em cores mais do que sombrias!

A mentira se espalhou tanto — apoiada que é pelo costume e o convencionalismo, que mesmo a

cronologia força as pessoas a mentir. Os sufixos d.C. e a.C. apenas ao ano pelos judeus e pagãos, na Europa, e até em terras asiáticas, pelos materialistas e agnósticos e também pelos cristãos, em casa, são uma mentira usada para sancionar outra MENTIRA.

Onde, então, pode ser encontrada até mesmo a verdade relativa? Se, já no tempo de Demócrito, ela lhe apareceu na forma de uma deusa deitada no fundo de um poço, tão fundo que pouca esperança havia para sua libertação; nas presentes circunstâncias temos um certo direito de acreditar estar ela no mínimo escondida, tão distante como o sempre invisível lado *escuro* da lua. É por isso talvez que todos os devotos das verdades ocultas são imediatamente considerados lunáticos. Seja como for, de forma alguma e sob nenhuma circunstância, *Lúcifer* jamais será forçado a ceder a qualquer mentira universal e tacitamente reconhecida e universalmente praticada, mas se aterá aos fatos, puros e simples, tentando proclamar a verdade onde quer que se encontre e sem qualquer máscara covarde. O fanatismo e a intolerância podem ser considerados como política ortodoxa e íntegra, e o estímulo de preconceitos sociais e *hobbies* pessoais às custas da verdade, como um curso sensato a seguir a fim de garantir o sucesso para uma publicação. Que assim seja. As editoras de *Lúcifer* são Teosofistas e seu lema é: *Vera pro gratiis* (A verdade de preferência ao favor).

Elas têm plena consciência de que as libações e sacrifícios à deusa da verdade feitos por *Lúcifer* não enviam um aroma saboroso aos narizes dos senhores da imprensa, nem o brilhante "Filho da Manhã" tem um doce perfume para seu olfato. Ele é ignorado quando não maltratado pois veritas *odium parit* (a verdade gera o ódio). Mesmo seus amigos começam a encontrar falhas nele. Não veem por que *não pode ser uma revista puramente Teosófica*, em outras palavras, por que se recusa a ser dogmática e fanática. Em vez de devotar cada centímetro de espaço aos ensinamentos teosóficos, abre suas páginas "para a publicação dos elementos mais grotescamente heterogêneos e doutrinas conflitantes". Esta é a principal acusação, à qual respondemos – por que não? Teosofia é conhecimento divino, e conhecimento é verdade; todo fato *verdadeiro*, toda palavra sincera, são assim parte integral da Teosofia. Alguém que seja perito em alquimia divina ou mesmo aproximadamente abençoado com o dom da percepção da verdade, discernirá entre afirmações errôneas e corretas. Por menor que seja a partícula de ouro perdida em uma tonelada de lixo, ainda é o metal nobre e merece ser cavado, mesmo ao preço de algum trabalho extra. Como foi dito, com frequência é tão útil saber o que uma coisa *não é*,

quanto o que é. O leitor comum dificilmente pode esperar encontrar qualquer fato em uma publicação sectária sob todos os aspectos, *pros* e *contras*, pois de uma maneira ou de outra sua apresentação certamente será tendenciosa e a balança ajudada a se inclinar para o lado para o qual a política especial do editor é direcionada. Assim, talvez uma revista teosófica seja a única publicação onde se pode esperar encontrar, em todos os casos, a imparcial, ainda que aproximada verdade e os fatos. A verdade nua e crua reflete-se em *Lúcifer* sob seus muitos aspectos, pois nenhuma visão filosófica nem religiosa é excluída de suas páginas. E, como toda filosofia e religião, por mais incompletas, insatisfatórias e até mesmo bobas que possam ocasionalmente ser, devem basear-se em uma verdade e fato de algum tipo, o leitor tem assim a oportunidade de comparar, analisar e escolher entre as várias filosofias aqui discutidas. *Lúcifer* oferece tantas facetas da joia Única universal quanto permite seu espaço limitado, e diz a seus leitores: "escolhei hoje a quem haveis de servir; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam do outro lado do rio, que submergiram os poderes de raciocínio do homem e o conhecimento divino, ou aos deuses dos amóreus do *costume* e da *falsidade social*, ou o Senhor do (mais elevado) Eu — o brilhante destruidor do poder escuro das ilusões?¹⁰ Certamente, aquela filosofia que tende a diminuir em vez de aumentar a soma da miséria humana que é a melhor.

Em todo o caso, a escolha aí está, e para este propósito tão-somente abrimos nossas páginas para todo o tipo de colaborador. Portanto, encontra-se nela o ponto de vista de um clérigo cristão que acredita em seu Deus e Cristo, mas rejeita as más interpretações e os dogmas impostos de sua ambiciosa e orgulhosa Igreja, juntamente com as doutrinas do Hilo-Idealismo, que nega Deus, a alma e a imortalidade e acredita em nada mais além de si mesmo. Os mais extremados Materialistas encontrarão hospitalidade em nossa revista; sim, e até mesmo os que não têm escrúpulos de encher páginas de comentários zombeteiros e pessoais sobre nós e de insultos às doutrinas da Teosofia que nos são tão caras. Se uma revista do *livre pensamento*, dirigida por um ateu publicar um artigo de um Místico ou Teosofista em louvor a suas visões ocultas e o mistério de Parabrahman, omitindo dele apenas alguns poucos comentários casuais, então poderemos dizer: *Lúcifer* encontrou um rival. Se um órgão periódico ou missionário cristão aceitar um artigo de uma pena de um livre pensador zombando da crença em Adão e sua costela, e omitir a crítica ao cristianismo — a fé de seu editor — em humilde silêncio, então ele terá se tornado digno de *Lúcifer*, e pode ser considerado verdadeiramente ter atingido aquele grau de tolerância em que pode ser colocado no nível de qualquer publicação teosófica.

Mas contanto que nenhum destes órgãos não faz algo desse tipo, são todos sectários, intolerantes, fanáticos e não fazem a menor ideia da verdade e da justiça. Podem fazer indiretas contra *Lúcifer* e suas editoras, não podem afetar nem uma nem outra. De fato, as editoras desta revista têm orgulho de tais críticas e acusações, pois são testemunhas da ausência absoluta de intolerância ou arrogância de qualquer tipo na teosofia, resultado da beleza divina das doutrinas que ela prega. Pois, como foi dito, a Teosofia permite que todos sejam ouvidos e tenham uma chance justa. Ela não julga nenhuma visão — se sincera — como destituída inteiramente de verdade. Ela respeita homens pensadores, de qualquer classe de pensamento a que possam pertencer. Sempre pronta a opor-se a ideias e pontos de vista que possam criar apenas confusão sem beneficiar a filosofia, ela deixa seus expositores pessoalmente acreditarem no que mais lhes aprouver e faz justiça a suas ideias quando são boas. De fato, as conclusões ou deduções de um escritor filosófico podem ser inteiramente opostas a nossos pontos de vista e aos ensinamentos que expomos, no entanto, suas premissas e afirmações de fatos podem estar corretas e outras pessoas podem beneficiar-se pela filosofia adversa, mesmo que nós próprias a rejeitemos, acreditando possuir algo superior e ainda mais próximo da verdade. Em todo o caso, nossa profissão de fé está agora clara e tudo o que é dito nas páginas precedentes justifica e explica nossa política editorial.

Para resumir a ideia, com relação à verdade absoluta e relativa, podemos apenas repetir o que foi dito antes. *Fora de um certo estado mental elevado e altamente espiritual, durante o qual o Homem se une com a MENTE UNIVERSAL — ele pode acessar na terra tão-somente a verdade relativa, ou verdades, de qualquer filosofia ou religião.* Se até mesmo a deusa que habita no fundo do poço sáísse de seu local de confinamento, não poderia dar ao homem mais do que ele pode assimilar. Ao mesmo tempo, cada um pode sentar-se próximo a este poço — cujo nome é Conhecimento — e olhar atentamente para suas profundezas na esperança de ver ao menos a justa imagem da Verdade refletida nas águas turvas. Isto, entretanto, como disse Richter, apresenta um certo perigo. Alguma verdade, com toda a certeza, pode ocasionalmente ser refletida como em um espelho sobre o lugar para onde olhamos e assim recompensar o paciente estudante. Mas, acrescenta o pensador alemão, "ouvi dizer que alguns filósofos na busca da Verdade, para prestar-lhe suas homenagens, viram seu próprio rosto na água e o adoraram em seu lugar".

É para evitar tal calamidade — que aconteceu a todo fundador de uma religião ou escola

filosófica — que as editoras estão conscienciosamente cuidando para não oferecer ao leitor apenas aquelas verdades que encontram refletidas em seus próprios cérebros pessoais. Elas oferecem ao público uma ampla escolha, e recusam-se mostrar o fanatismo e a intolerância, os principais marcos no caminho do Sectarismo. Mas, embora deixando a mais ampla margem possível de comparação, nossos oponentes não podem esperar encontrar seus rostos refletidos sobre as claras águas de *Lúcifer*, sem comentários ou críticas justas sobre suas características mais proeminentes, se estiverem em oposição com os pontos de vista teosóficos.

Isto, entretanto, apenas dentro da capa da revista pública e no que diz respeito ao aspecto meramente intelectual das verdades filosóficas. No que concerne às crenças mais profundamente espirituais e poderíamos dizer até religiosas, nenhum verdadeiro teosofista deve degradá-las sujeitando-as a discussões públicas, mas ao contrário, deve guardá-las como um tesouro e ocultá-las fundo dentro do santuário de sua alma mais interna. Tais crenças e doutrinas jamais deveriam ser inadvertidamente ditas, pois correm o risco de inevitável profanação pelo manusear rude da indiferença e da crítica. Nem devem ser incorporadas em qualquer publicação exceto como hipóteses oferecidas à consideração da porção pensante do público. Verdades teosóficas, quando transcendem um certo limite de especulação, seria melhor que permanecessem escondidas da vista do público, pois as "provas das coisas não vistas" não são provas salvo para aquele que as veem, ouvem e sentem. Não é para ser retirada para fora do "Santo dos Santos", o templo do *Ego* divino impessoal ou o residente EU. Pois, ao passo que todo fato fora de sua percepção pode, como mostramos, ser, na melhor das hipóteses, apenas uma verdade relativa, um raio da verdade absoluta pode refletir-se apenas no espelho puro de sua própria chama — nossa CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL superior. E como pode a escuridão (da ilusão) compreender a LUZ que nela brilha?

Tradução: Marly Winckler

Notas:

1. [*Thoughts in Solitude*].

[volta ao texto](#)

2. [*Daniel: A Sacred Drama*, Parte II, 98-103].

[volta ao texto](#)

3. Jesus disse aos "Doze" — A vós vos é dado o mistério do reino de Deus; mas aos de fora tudo se lhes propõe em parábolas" etc. (*Marcos 4:11*).

[volta ao texto](#)

4. Por exemplo, para o pequeno artigo "Autocentrismo" — sobre a mesma "filosofia" ou para o ápice da pirâmide Hilo-idealista neste exemplar. É uma carta de protesto do erudito Fundador da Escola em questão contra um *erro* nosso. Ele se queixa de termos "juntado" seu nome com o do Sr. Herbert Spencer, Drawin, Huxley e outros, sobre a questão do ateísmo e do materialismo, pois as ditas luzes nas ciências psicológicas e físicas são consideradas pelo Dr. Lewins muito vacilantes, muito "conciliatórias" e fracas, para merecerem o honrado nome de Ateus ou até mesmo Agnósticos. Ver "Correspondência" na Coluna Dupla e a resposta do Adversário.

[volta ao texto](#)

5. [Shakespeare, *Measure for Measure*, Ato 2, cena 2].

[volta ao texto](#)

6. Lubberland: uma terra abundante imaginária onde não se precisa trabalhar; a terra da preguiça. N. da T.)

[volta ao texto](#)

7. *Pays de Cocagne*: País de Cocagne: nome de um país imaginário, sede da luxúria e da preguiça; sinônimo de Lubberland. (N. da T.)

[volta ao texto](#)

8. Mrs Harris e Mrs Grundy: Sra Grundy, é o nome de um personagem inglês imaginário, que tipifica o controle disciplinar das "propriedades" convencionais da sociedade sobre a conduta, a pressão tirânica da opinião dos vizinhos sobre os atos dos outros. O nome aparece em uma peça de Thomas Morton, *Speed the Plough* (1798), na qual uma das personagens, Dama Ashfield, se refere continuamente ao que sua vizinha, a Sra. Grundy, dirá como o critério de respeitabilidade. A Sra. Grundy não é uma personagem da peça, mas é uma espécie de "Sra. Harris" para a Dama Ashfield. *Enciclopédia Britânica* (N. da T.)

[volta ao texto](#)

9. [Personagem principal da comédia de Molière com o mesmo nome; é em três atos, escrita em prosa e foi encenada pela primeira vez em 19 de julho de 1660. — *Compilador*]

[volta ao texto](#)

10. Citação da Bíblia (*Josué*, 24, 15), com interpolações de H.P.B. A citação da Bíblia é: "...escolhei hoje a quem haveis de servir; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do Rio, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Porém eu e a minha

casa serviremos ao Senhor".

[volta ao texto](#)